

REVISTA CERES

DIRETORES

Prof. Gladstone A. Drummond
Prof. Arlindo P. Gonçalves
Prof. Manuel da Costa Lana
Prof. Erly Brandão
Prof. Paulo T. Alvim Carneiro

Julho e Agosto - 1945

VOL. VI || N. 34

VIÇOSA — MINAS

Caixa postal, 4 — ESAV — E. F. Leopoldina

A Importância da Semente (*)

A. SECUNDINO S. JOSÉ (**)

E' sempre com o maior júbilo que me aproveito de qualquer oportunidade que se me apresente, para dirigir a palavra a homens da lavoura. Talvez seja pelo fato de me sentir inteiramente à vontade, quando estou entre fazendeiros, agricultores, homens que ajudam a terra a manter o mundo. Esse modo de sentir é perfeitamente justificável, pois, nasci e me criei na lavoura, dela fiz minha profissão e por ela creio ter dado o melhor dos meus esforços.

Além do mais, como patriota, eu me entusiasmo com reuniões dessa natureza que, permitam-me o arroubo, nada fica a dever às conferências de Yalta e de S. Francisco. Enquanto nessas os líderes da humanidade acertavam providências para terminar a guerra e garantir a paz, aqui, em Viçosa, na Semana dos Fazendeiros, nos reunimos para, também, acertar medidas de guerra e firmar normas de paz. Apenas, a nossa guerra é diferente. Em vez de chumbo, usamos sementes. Em vez de fuzis, enxadas. Em vez de canhões, arados. O inimigo, no nosso caso, não é o nazista cruel nem o amarelo bárbaro. Talvez seja diferente na forma, embora igualmente maléfico no fundo. O inimigo que precisamos combater, que nos estamos preparando para combater melhor, é simplesmente a FOME.

— “Esse camarada, ou está maluco, ou veio do Ceará!”, estarão certamente pensando muitos dos senhores. “Onde

(*) Conferência realizada durante a «Semana do Fazendeiro».

(**) Eng^o. Agrônomo, ex-professor da ESAV.

já se viu falar em fome, depois de um dia na Escola, comendo a "bóia" do Seu Manuel e da D. Germana?" De fato, parece um pouco anacrônica tal idéia. Entretanto, infelizmente, ela tem profundas raízes de verdade. Profundas demais para serem desprezadas. Estaríamos enganando-nos a nós mesmos se pensássemos de outro modo. O número de brasileiros mal nutridos, sub-alimentados, é muito maior do que qualquer um de nós possa pensar. Falando simples e claro, podemos afirmar que não há hoje, no Brasil, alimento suficiente para sua população. Daí o encarecimento bárbaro da vida de nossos dias, especialmente nos centros urbanos, a ponto de êsse encarecimento se transformar no mais agudo problema da nossa economia doméstica. Parece incrível que, num país como o Brasil, não haja alimento suficiente. Num país onde 75% da população que trabalha, tem suas atividades direta ou indiretamente ligadas à agricultura. Num país onde dois terços da população tem sua origem no campo, onde 80% da exportação é constituída de produtos da lavoura, é quase inacreditável que estejamos com fome. É triste, mas é verdade.

O estribilho popular dos dias que passam, o ponto central de tóda a conversa, é a carestia de vida. O custo de vida, considerado globalmente, subiu no mínimo 100%, entre 1939 e 1944. E os salários não subiram senão 50%. E mesmo que êsse salário tivesse subido mais, seu poder aquisitivo, pela desvalorização da moeda, seria ainda inferior aos dos salários pagos em 1939. Em outras palavras, o que se podia adquirir por cem cruzeiros em 1939, não poderá ser adquirido hoje com duzentos.

Estamos atravessando um legítimo período de inflação. E o que caracteriza a inflação, fundamentalmente, é uma procura maior que a oferta. É verdade que podem existir agravantes, a essa lei básica de economia. As fases anormais na vida dos povos criam ambiente ideal para os aproveitadores sem escrúpulos, aquêles que procuram e conseguem acumular fortunas rápidas à custa da desgraça alheia. Daí o funcionamento do mercado negro, as explorações vergonhosas que só a pena de morte poderia eliminar.

Muita gente pensa que o aumento de salários é a causa do aumento do custo de vida. Isso não é verdade. O aumento de salários é *consequência*, é *resultado* e não *causa* do aumento no custo de vida. O produtor, principalmente o industrial, pelo fato de ter que aumentar o salário de seus operários, aumenta o preço de seu produto de consumo. O trabalhador, que tem que adquirir êsse produto, pois êle é indispensável à sua vida, reclama aumento de salários, e aí

está, perfeitamente estabelecido, o círculo vicioso. As restrições, racionamentos e outras medidas artificiais impostas pelo governo, são meros paliativos, absolutamente impotentes para resolver o problema.

O aumento de salários exige maiores emissões de papel moeda, impostos mais altos, desvalorizando a moeda em seu poder aquisitivo. E nesse lamaçal, quanto mais se mexe mais se atola. É esse o quadro da nossa vida econômica atual.

— “Muito bem”, dirão os senhores. “Crítica é fácil. Mas onde está o remédio?” Pois bem. Na minha modesta opinião, só há um meio de se romper esse círculo vicioso. Um meio único, fora do qual tudo é artificial. E esse meio é o *aumento de produção*. Se a D. Germana dispusesse de apenas 20 quilos de carne para o almoço de hoje, não adiantaria nada entregar a cada um dos senhores um cartão de racionamento, ou organizar uma fila quilométrica na frente do refeitório. Acabaria todo o mundo com carne apenas para o buraco do dente. A única solução seria chamar o professor Matoso e dizer-lhe: “Professor, mate um boi, porque esse negócio de 50 gramas de carne por semana só serve para alemão”...

Por isso, meus amigos, enquanto não conseguirmos aumento de produção, enquanto não colocarmos em equilíbrio a oferta e a procura, a situação não se alterará. Essa é uma lei de economia que se aplica a qualquer tipo de produção, seja ela industrial ou agrícola.

A situação criada pela guerra, não só diminuiu a produção de gêneros alimentícios; aumentou, também, o seu consumo. A ausência de produtos industriais, antes importados, incentivou entre nós a criação de indústrias diversas, algumas de emergência, outras em bases definitivas, procurando suprir o mercado interno daquilo que antes nos vinha do exterior. Estamos, assim, numa fase de industrialização. Entretanto, como quase sempre acontece em ocasiões semelhantes, há muita improvisação e pouco planejamento, resultando disso, quando não o caos, um sério desequilíbrio econômico. Volta Redonda, minas de cristal, mica, extração de borracha, fábricas diversas, reclamavam operários. Indústrias de guerra e para consumo civil, em face das circunstâncias, levaram a efeito uma grande convocação de trabalhadores, talvez tão séria quanto a de soldados para as fileiras do exército. E de onde haveria de sair o elemento humano necessário à movimentação dessas minas, dessas fábricas e dessas indústrias? Da lavoura. Por que? Porque o fazendeiro, usando métodos empíricos de agricultura, não pode oferecer os salários que a indústria oferece. Daí, tentados por melhores diárias,

deixa o colono, o operário agrícola, a sua enxada e as suas plantações, trocando-as pelas máquinas da indústria e pelas barracões provisórios. Mas essa gente que deixou a lavoura, bem como suas famílias, tem que comer da mesma forma. E' pois um consumidor que antes produzia e que passou a consumidor exclusivo. Porisso, diminui o alimento. Porisso, o preço sobe. Dêsse modo, subindo o rio das consequências até a fonte das causas, chegamos à conclusão de que, ou aumentamos a produção de gêneros alimentícios, ou nunca sairemos dêsse emaranhado econômico. E não pensem os senhores que a situação vai se normalizar pelo término da guerra. Nada disso. A indústria continuará atraindo os homens da lavoura, usando a isca dos salários altos. E a situação se complicará ainda mais, porque não existe indústria que possa prescindir da cooperação da agricultura. Dêsse modo, temos diante de nós duas alternativas: ou aumentamos a eficiência do operário agrícola, pelo emprêgo de métodos econômicos de agricultar a terra, ou então o trabalhador da indústria terá que diminuir sua eficiência, equiparando-a com a do homem de enxada. Naturalmente que essa última alternativa é inaceitável, é ilógica, é inadmissível, porque significa regresso. Entretanto, para harmonizar a vida econômica, é necessário estabelecer-se equilíbrio entre a lavoura e a indústria. Assim, só nos resta um caminho a seguir: modificar os nossos métodos de fazer lavoura. Fazer com que o operário rural seja capaz de produzir tanto quanto um operário de indústria. Os senhores acham que ganharíamos essa guerra se fôssemos brigar com os alemães armados apenas de facas e espingarda pica-pau? Já estaríamos transformados em salchicha há muito tempo, se assim pensássemos. Do mesmo modo, precisamos armar melhor nosso operário rural, substituindo sua enxada, que não passa de uma espingarda pica-pau, por um cultivador, metralhadora rápida e mortífera contra o mato das nossas culturas. Substituindo o chumbo e a bucha de palha da semente ordinária, pela bala de aço da semente selecionada, mais eficiente, mais produtiva, com maior poder mortífero, sobre a fome, nosso inimigo do momento.

E' preciso que se considere, entretanto, que não foi somente a escassês de braço o único fator responsável pelo decréscimo de produção. Nosso sistema de transporte, que, diga-se de passagem, nunca foi digno de elogios, entrou em sérias dificuldades pela impossibilidade de obtenção de locomotivas e material rodante, pelo racionamento do combustí-

vel para os caminhões, pela dificuldade quase intransponível de obtenção de peças e sobressalentes. Isso fez com que a produção não se movesse com a necessária rapidez, desanimando o produtor e levando o consumidor ao desespero. Além disso, o fazendeiro foi grandemente prejudicado dentro do seu próprio campo de ação, pelo preço proibitivo a que chegaram as ferramentas, pelo suplício chinês do papelório necessário à obtenção do sal e do arame, pela dificuldade tremenda na aquisição de inseticidas e alimentos para animais em geral. Enquanto todos êsses fatores conspiram contra a produção, a necessidade de comer é a mesma para todo o mundo. Por isso, a essa altura, creio que os senhores já estarão mais convencidos de que não estou maluco e nem vim do Ceará, quando falo em fome no Brasil. A cousa está mesmo preta, e ou matamos a fome ou ela certamente nos matará, como indivíduos e como nação.

.

Para que seja conseguido o aumento de produção quero deixar aqui algumas sugestões, que não são propriamente minhas, mas de todos aquêles que se têm dedicado ao estudo das nossas condições econômicas e sociais. Não pretendo estar apresentando nenhuma arma secreta para a guerra contra a fome, nem qualquer novidade sobre o assunto. São pontos básicos, fundamentais, e talvez por serem do conhecimento de todos, ninguém se detém suficientemente no estudo dêles, afim de retirá-los do altar sacro-santo dos planos e colocá-los ao nível sensato e prático da realidade e da execução. São sugestões que, focalizando os problemas primordiais mais sérios, talvez despertem a atenção de todos, no sentido de solucioná-los convenientemente.

1 — E' necessário ter-se em mente que a principal finalidade da agricultura de um país é suprir o seu povo com os alimentos necessários à sua conveniente subsistência. Um povo bem alimentado é um povo forte. Não se constrói uma nacionalidade com mal-nultridos e sub-alimentados. Por isso, a nossa política agrária precisa ser modificada. Primeiro, produção suficiente para o consumo interno. Depois, então, deveremos cuidar da produção para exportar. No momento presente em que o país se prepara para trilhar novamente a senda democrática, êsse ponto deveria constar da plataforma de qualquer candidato esclarecido, e bem intencionado.

2 — Melhoria do sistema de transporte. As estradas são as veias da nação, por onde circula o sangue da riqueza e

da vida. E' tão clara, fala tão alto por si mesma essa necessidade, que dispensamos comentá-la.

3 — Crédito agrícola. Êsse é um problema cruciante da nossa lavoura. Nosso crédito é reduzido, complicado nos seus meios de obtenção e demasiado caro para ser econômico. O pequeno agricultor, o elemento mais importante da nossa produção agrícola, não está preparado para se aproveitar das facilidades de crédito que os govêrnos têm procurado organizar. Torna-se necessária uma organização em bases mais simples, com menos papelório e menos burocracia, e sobretudo mais barato, mais acessível a todos os componentes da classe da lavoura.

4 — Organização de uma indústria nacional de adubos químicos. Somos frequentemente embalados, até mesmo pela leitura dos livros onde aprendemos as primeiras letras, pelo canto, de que o Brasil é de espantosa fertilidade, que nada existe de melhor sôbre a face da terra. Bem sabemos o quanto de exagêro existe nessa afirmação. A verdade é que o solo brasileiro não é nem o mais rico nem o mais pobre do mundo. Nossos solos precisam de alimento, precisam de adubo, para que possam recompensar convenientemente nosso esfrôrço. Temos que produzir sempre mais e mais, e infelizmente a terra é uma superfície mais ou menos estável, incapaz de aumentar sua área aproveitável. Precisamos de fósforos e precisamos de cálcio, além de outros elementos. Mas êsse assunto pertence ao Prof. Dorofeeff e não quero intrometer-me na seara alheia. Desejo apenas frisar que, a iniciativa particular ou a iniciativa pública que organizar a exploração das nossas jazidas de fosfatos, pelo menos aquelas já conhecidas e localizadas, estará prestando inestimável serviço à lavoura e à produção.

5 — Mecanização — Os senhores, por certo, conhecem a piada sôbre a relação existente entre o piano e o alemão, o italiano e o português. Não conhecem esta relação? Pois é simples: o alemão fabrica, o italiano toca, e o português... carrega. Talvez pela influência portuguesa na nossa formação étnica, sejamos um povo que gosta tanto de «fazer força». Usamos os braços como leões, e a cabeça como galinhas. Desprezamos o auxilio da máquina e dos animais de tração, para fazermos, nós mesmos, o trabalho dêsse últimos!...

A máquina já não é apenas necessária à lavoura. E' indispensável. E essa indispensabilidade se irá tornando cada vez mais séria, à medida que vai crescendo a concorrência na luta pela vida. Na lavoura, como em qualquer campo de produção, vencerá quem produzir melhor, e mais

barato. E para se produzir melhor e mais barato, é indispensável o emprêgo da máquina. Não quero citar exemplos nem me estender em detalhes. A semana que hoje se inicia lhes dará, estou certo, excelentes oportunidades para apreciarem a importância do que lhes acabo de dizer.

6 — Organização de classe. Nunca será demasiado repisar êsse ponto. A classe da lavoura, a mais numerosa e a mais importante força produtiva do país, é também a menos organizada. Quando examinamos a marcha de qualquer produto da lavoura, seja êle leite ou feijão, tomate ou milho, desde a fazenda onde foi produzido até às mãos do consumidor, vamos observar que a diferença entre o preço recebido pelo produtor e o pago pelo consumidor, é simplesmente fantástica, quase nunca menos de 100%. Por que isto? Porque os atravessadores, intermediários, e mesmo, em alguns casos, as próprias organizações do govêrno, encarecem tremendamente o produto, em prejuizo tanto para o produtor como para o consumidor.

A lavoura tem que se organizar, para que o seu produto chegue de maneira mais direta às mãos do consumidor. As cooperativas e associações de classe, com independência de ação para suas diretorias e assembléias gerais, com muito pouca ou nenhuma intervenção dos governos, é a única maneira de se conseguir a proteção da lavoura nesse particular. O papel do govêrno junto às cooperativas deveria ser exclusivamente o de fiscalização construtiva, protetora, e nunca o de interferência direta nos negócios e interesses internos das cooperativas e associações de classe. Cooperativas de compra e venda, que facilitassem ao agricultor a colocação do seu produto e a aquisição de suas máquinas, ferramentas, adubos e inseticidas, seriam de tremenda eficiência no aumento da produção.

.....
Essa questão pertence também ao Departamento de Economia da Escola, e porisso termino aqui minhas considerações em torno do assunto.

.....
Não tenho a pretensão de haver citado todos os pontos de importância para se conseguir o aumento da produção agrícola. Muitos outros, também de enorme interesse, poderiam ser tratados, pois o problema é complexo. Poderíamos ainda falar da importância de uma garantia de preços mínimos, de armazenagem conveniente dos produtos, para

se obter estabilização de preços, dos efeitos de um Serviço de Extensão bem organizado e de largo âmbito.

O tempo de que dispomos, entretanto, não nos permite avançar mais. Além disso, deixei para o fim um último ponto, do qual tratarei com mais detalhes, e que é tão importante quanto os outros citados. Refiro-me à *Bôa Semente*.

Embora a semente não seja a única responsável por uma alta produção por área, ela é um dos pontos essenciais para isso. Se bem preparado, tratos culturais convenientes, tempo normal e bôa semente, são os elos principais da corrente que sustenta a alta produção por área. Por bôa semente designamos aquela que, quando plantada como deve ser, produz muito. Quanto aos detalhes, não me parecem necessários ao ponto econômico que temos em vista. Em todo o caso, podemos afirmar que o emprêgo de bôa semente é o modo mais simples ao alcance do fazendeiro para aumentar a sua produção.

Para melhor discutir a importância da bôa semente, talvez seja mais importante a apresentação de um exemplo. Por me ser mais familiar, uma vez que tenho dedicado mais de metade da minha carreira profissional a êsse problema, e provavelmente a êle me entregarei inteiramente para o futuro, vou apresentar como exemplo o caso do milho híbrido, cuidado com tanto carinho pelo Professor Gladstone Drummond, aqui na Escola.

Procurando dados da melhor fonte que me foi possível, apresento-lhes aqui um quadro comparativo das setes principais culturas da nossa lavoura, numa média de três anos (1937, 38 e 39) tirados da publicação «Anuário Estatístico do Brasil», editado pelo Conselho Nacional de Estatística e referentes ao ano 1939/40.

	B R A S I L				ESTADOS DO SUL				MINAS GERAIS			
	Área Cul- tivada em 1.000 Ha.	Produção Total 1.000 tons.	Produção Média Kg./Ha.	Valor em milhões de Cr \$	Área	Prod.	Méd.	Valor	Área	Prod.	Méd.	Valor
MILHO	4.195	5.650	1.343	1.304	3.600	4.937	1.371	1.146	1.233	1.520	1.233	341
CAFÉ	3.485	1.399	400	2.014	3.355	1.362	391	1.953	858	240	280	296
ALGODÃO (c/caroco)	2.620	1.610	616	1.772	1.350	902	673	1.204	161	530	85	96
ARROZ	981	1.420	1.443	781	782	1.187	1.447	704	239	377	1.580	242
FEIJÃO	1.313	1.105	840	384	833	681	818	316	238	258	1.090	122
CANA	467	16.800	36.000	473	280	10.324	37.000	292	77	3.548	46.000	93
MANDIOCA	467	6.100	13.000	531	225	2.394	10.664	200	39	653	21.270	44

Ao examinarmos êsse quadro verificamos que o milho é a planta mais cultivada no Brasil, nos Estados do Sul e em Minas Gerais, levando-se em conta a área cultivada e produção total em toneladas (excluindo-se naturalmente, cana e mandioca, produtos com muito maior porcentagem de água e celulose que o milho).

Quanto ao valor global, o milho ocupa o terceiro lugar no Brasil e nos Estados do Sul, e o primeiro lugar em Minas Gerais. Êsses dados bastam para demonstrar o quanto é importante essa cultura para o Brasil, principalmente para Minas Gerais.

Apesar disso, não há bastante milho, e nem seu uso está convenientemente explorado. Tomemos, para comparação, o Estado de Iowa, que é pequeno:

Superfície 143.970 km² (4 vezes menor que Minas Gerais)

População 2.500.000 hab. (2,7 vezes menor que Minas Gerais).

Área plantada em milho 4.100.000 Ha. (contra 4.195.000 de todo o Brasil)

Produção total: 15.000.000 tons quase 3 vezes mais que tôda a produção do Brasil)

Média por Ha.: 3.643 Kg. (quase 3 vezes mais que a média para Minas Gerais).

(Dados da publicação «Corn, Facts and Figures, Corn Industries Research Foundation,» July, 1944)

Não creio ser necessário discutir êsses números. Êles, na sua linguagem fria e crua, são mais eloquentes que tôda uma noite de discursos. E' verdade que o pequeno Estado de Iowa tem um solo qualificado entre os mais ricos do mundo. E' verdade que a mecanização e a técnica agrícola já atingiram lá o máximo de desenvolvimento. Mas também é verdade que os fazendeiros daquêle Estadozinho, verdadeiro fenômeno da produção de milho, *usam 99% de sementes híbridas nos seus plantios...*

Está aí, pelo menos em parte, o segredo e a razão dessa produção simplesmente fantástica. O milho híbrido, cujo emprêgo em grande escala não conta mais de 15 anos, é talvez a mais famosa descoberta dos últimos tempos, considerando-se o progresso da agricultura.

Mas, voltemos ao nosso quadro. Por que será que, plantando o Brasil inteiro a mesma área que o Estado de Iowa, conseguimos apenas a terça parte da sua produção? A res-

posta, em última análise, está na média de produção por hectare. Mas por que a nossa média é tão baixa? Há, sem dúvida, razões para isso. Primeiro, de um modo geral, as nossas terras não são tão férteis quanto as de Iowa. Segundo, a técnica agrícola está muito mais adiantada lá do que aqui. Finalmente, elles possuem sementes da mais alta qualidade, enquanto nós ainda não a possuímos, nem ao menos de qualidade. — “Mas,” perguntarão os senhores, — “se esse tal de milho híbrido é tão bom assim, porque não o empregamos? Será que elle não dá certo no Brasil?”

Certamente que dá. E aí estão os magníficos trabalhos do Prof. Gladstone Drummond, para comprovar a minha afirmação. Com efeito, os resultados das últimas experiências com o milho híbrido na Escola são mais que animadores. Alguns dos híbridos experimentais produziram mais de 6.000 kg. por ha., ou sejam 37 carros de milho por alqueire de 80 por 80 braças. E essa produção foi obtida em experiências feitas em Viçosa, onde a terra não é nenhuma especialidade. Na mesma experiência entraram em competição tôdas as melhores variedades que possuímos, houve híbridos que, em igualdade de condições, produziram 50% mais do que a melhor variedade.

Infelizmente a produção de milho híbrido, entre nós, não atingiu ainda a fase comercial, como acontece nos Estados Unidos. Entretanto, tudo leva a crer que, muito breve, surjam no mercado sementes de milho de alta qualidade e em quantidade suficiente para satisfazer às necessidades da lavoura mineira.

Muita gente não dá a devida atenção à produção por área. É comum ouvir-se dizer: “Fulano é um bom fazendeiro. Imagine você que elle produziu esse ano 800 carros de milho!” Isso, muitas vezes, não quer dizer que Fulano seja bom fazendeiro. Antes de fazer esse elogio, eu gostaria de saber duas coisas: primeiro, quantos alqueires foram plantados, e segundo, quanto custou a produção desses 800 carros. Se a produção *por área* foi elevada, e se o seu custo foi razoável, deixando boa margem de lucro, então sim; eu seria o primeiro a concordar, dizendo: — “É verdade; Fulano é um bom fazendeiro.”

Como podemos verificar pelo quadro apresentado, a nossa produção por área é muito baixa. É necessário elevá-la, para que a cultura se torne interessante. E um dos meios mais eficientes e simples para isso, é o emprêgo de boa semente.

Estudando os resultados obtidos pelo Prof. Drummond, verifica-se que alguns híbridos produziram 50% mais do que

a melhor variedade (Catete, 4.000 por ha.). Suponhamos que os fazendeiros do Estado de Minas usassem apenas milho híbrido nos seus plantios, e obtivessem um aumento de 50% na produção por área, não sobre a melhor variedade, que produziu 4.000 quilos, mas um aumento de 50% sobre a média geral do Estado, que é 1,233 quilos. Isso representaria um aumento de 616 quilos por Ha. os quais, multiplicados pelo número de hectares cultivados, dariam um aumento de aproximadamente 760.000 toneladas. Estas, calculando-se o saco ao preço razoável de 36 cruzeiros por saco, ou 60 centavos por quilo, dariam uma renda a mais aos agricultores mineiros, de cerca de 450 milhões de cruzeiros, ou, usando a linguagem antiga, 450 mil contos. Não se levando em conta a fartura que esse aumento traria às populações, somente o imposto de vendas e consignações coletado pelo Estado sobre esse aumento, daria para manter, como deveria ser mantida, a Escola Superior de Agricultura de Viçosa: cerca de 15 milhões de cruzeiros por ano.

E note-se que um aumento de 50% na nossa produção média, nos coloca apenas a 1.850 kg. por ha., que é apenas metade da média de Iowa e menos da terça parte da produção experimental obtida na Escola.

Outra resultante econômica importantíssima da alta produção por área é o barateamento do custo do produto. Os trabalhos de preparo de solo, plantio e cultivos numa roça de milho que produz 1.500 kg. por hectare são os mesmos para uma roça que produz 3.000 kg. por hectare. Dêse modo, o custo de produção, no último caso, será, logicamente, mais baixo. Baixar o custo de produção pelo aumento da produção, eis a mais poderosa arma de que podemos lançar mão para o combate à fome. Mais milho significa mais porco, mais leite, mais galinha, mais ovo, mais angú. Mais milho pode ser conseguido pelo uso de boa semente, e não somente milho, como qualquer outra planta, produzirá mais, se pudermos usar uma semente selecionada de alta qualidade e elevada capacidade. É verdade que ainda não temos essa semente em quantidade. Mas ela há de aparecer mais cedo ou mais tarde, pois a agricultura brasileira não poderá progredir se não dispuser de boa semente.

Meus amigos, nós estamos gozando de uma felicidade rara. Todos juntos, os senhores a me escutarem pacientemente, com os nossos pensamentos voltados para a melhoria da nossa gente, num ambiente franco e amigo, buscando eliminar a morte, enquanto outros homens, em outras terras,

se degladiam e se destroem, para ver se dêsse modo, paradoxalmente, conseguem trazer a paz ao mundo.

Mas a felicidade é como a saúde. Só nos aquilatamos do seu valor quando ela nos falta. Não nos esqueçamos, entretanto, de que temos diante de nós uma semana rara, quando um grupo de dedicados professores e tôda uma instituição do quilate da Escola de Viçosa se entrega de corpo e alma ao grato dever de bem servir à lavoura brasileira. Aqui os senhores encontrarão amizade em cada ensinamento, simpatia em cada informação, conselho em cada empreendimento, incentivo em cada coração. E eu, no momento de agradecer a delicada atenção que me dispensaram durante tanto tempo, aqui termino minhas palavras, pedindo a Deus para que esta Semana seja mais um grande sucesso na história da lavoura, e que cada ensinamento, emanado desta Escola, seja uma BÓIA SEMENTE deitada no solo fértil da alma patriota de cada um dos senhores.

.....

Só as fazendas que possuem contabilidade vencerão a batalha da produção, porque sòmente a ciência contábil poderá:

- 1 — Surpreender o fazendeiro, mostrando-lhe valores que êle nem imaginava possuir;
- 2 — Apontar as culturas e as criações prejudiciais e recomendar as que dão margem a grandes lucros;
- 3 — Dôr em evidência os métodos de cultivo ou de criação adotados — indicando os melhores;
- 4 — Estabelecer o legítimo custo de produção;
- 5 — Mostrar as transformações operadas em qualquer setor da fazenda;
- 6 — Apresentar, finalmente, o resultado de tôda a exploração agrícola.